



FACULDADE DE PINDAMONHANGABA

Débora Oliveira Santos

Priscila Fernanda Moreira Chinaqui

Thais Martins Pena

**EDUCAÇÃO INFANTIL: as implicações da fantasia no
imaginário de crianças de três a cinco anos**

**Pindamonhangaba-SP
2012**

**Débora Oliveira Santos
Priscila Fernanda Moreira Chinaqui
Thais Martins Pena**

**EDUCAÇÃO INFANTIL: as implicações da fantasia no
imaginário de crianças de três a cinco anos**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura em Pedagogia pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Orientadora: MSc. Hilda Ap. S. M. Montemór

**Pindamonhangaba-SP
2012**

Chinaqui, Priscila Fernanda Moreira; Pena, Thais Martins; Santos, Débora Oliveira

Educação Infantil: as implicações da fantasia no imaginário de crianças de três a cinco anos /
Débora Oliveira Santos; Priscila Fernanda Moreira Chinaqui; Thais Martins Pena /
Pindamonhangaba-SP : FAPI, Faculdade de Pindamonhangaba, 2012.

45f.

Monografia (Licenciatura Pedagogia) FAPI-SP.

Orientadora: Profa. MSc. Hilda Ap. S. M. Montemór.

1 Contos de fadas. 2 Criança. 3 Imaginação.

I Educação Infantil: as implicações da fantasia no imaginário de crianças de três a cinco anos.

II Priscila Fernanda Moreira Chinaqui; Thais Martins Pena; Débora Oliveira Santos.



Débora Oliveira Santos
Priscila Fernanda Moreira Chinaqui
Thais Martins Pena

EDUCAÇÃO INFANTIL: as implicações da fantasia no imaginário de crianças de três a cinco anos

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura em Pedagogia pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: _____

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: _____

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: _____

Dedico este trabalho aos meus pais, Valdeilto e Rose, aos meus irmãos, Douglas e Viviane e ao meu noivo, Diego, que sempre estiveram ao meu lado, apoiando e dando força e motivação.

Débora Oliveira Santos

Dedico este trabalho ao meu pai, Eduardo Moreira, que sempre me apoiou em meus estudos me incentivando a cada dia a busca incansável pelo conhecimento e que nunca mediu esforços para que isso se realizasse sempre estando disposto a me amparar, nos teus exemplos me foquei para buscar a minha realização profissional. A minha mãe, Maria Edelene Santos, que me trouxe com todo amor e carinho a este mundo, cuidou para que hoje eu fosse uma pessoa digna e íntegra doando-se incondicionalmente com seu sangue e suor em forma de amor e dedicação para que mesmo quando faltasse seu próprio chão, o meu nem se quer estremecesse. Obrigada mãe!

Ao meu marido, Daniel Chinaqui, por toda paciência, compreensão, amor e incentivo nas horas em que o cansaço batia era ele quem me dava forças, sempre dizendo palavras para renovar o meu caminhar.

A eles dedico meu trabalho, minha luta e minha vitória, sem a ajuda, este sonho não teria se realizado. Amo vocês! Muito Obrigada por tudo.

Priscila Fernanda Moreira Chinaqui

Dedico este trabalho a minha família, que desde o primeiro dia de aula me incentivou a chegar ao fim. Sempre me ensinando a ser humilde e lutar com garra para que meu objetivo fosse alcançado. Dedicaram tempos preciosos de suas vidas a me ajudarem quando o caminho começava a ficar difícil. E o mais bonito de tudo, sem nunca pedirem nada em troca. Cada letra desse trabalho só foi escrita, porque, por trás, estavam vocês. Obrigado por tudo!

Thais Martins Pena

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me inspirou para a realização deste trabalho.

Agradeço aos meus pais, irmãos e meu noivo pela paciência e incentivo.

Aos professores da Faculdade, por seu apoio e inspiração no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos que me levaram a execução e a conclusão deste trabalho.

Agradeço a professora Orientadora, Hilda Montemór, pela disponibilidade nos momentos de orientação e esclarecimento de dúvidas.

Agradeço as minhas amigas Priscila e Thais, com as quais desenvolvi este trabalho, e as colegas de classe pela convivência nesses quatro anos. Obrigada pela amizade.

Agradeço a todos que, diretamente ou indiretamente, ajudaram-nos para a concretização deste sonho.

Déborá Oliveira Santos

Agradeço principalmente a Deus, que é o centro e o fundamento de tudo em minha vida, por ter me guiado e iluminado em cada decisão, pois sem ele não teria forças para seguir.

A nossa orientadora Prof^a Hilda Montemor, que com toda paciência e dedicação nos auxiliou nessa jornada.

A todos os professores pelo apoio e ensinamentos que em conjunto somaram para que meu sonho tornasse realidade.

Obrigada a você professor Ângelo, sempre disposto a ajudar, suas palavras sábias sempre foram especiais. Você é o Cara!

Agradeço em especial, a minhas irmãs e companheiras de estrada, Débora Oliveira e Thais Pena, pela paciência, cumplicidade, amor que nos uniram desde o primeiro ano de faculdade e que só se fez crescer a cada dia durante esses quatro anos de trabalho árduo. Meninas, sinto-me honrada de conhecê-las e muito feliz de dividir momentos únicos em minha vida. Foi um prazer!

Priscila Fernanda Moreira Chinaqui

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido a graça de chegar ao fim do curso, por me dar paciência, coragem e acima de tudo sabedoria durante esses quatro anos de estudos.

Agradeço também aos meus pais, Celso e Márcia, que me auxiliaram a cada momento, dando-me forças para seguir o meu caminho, sem nada pedir e por também compreenderem minhas ausências.

Não posso esquecer-me de agradecer a nossa Orientadora, Profa. MSc. Hilda Montemór, que dedicou um pouco do seu tempo para nos auxiliar nessa tarefa árdua e por também compartilhar conosco do seu conhecimento.

Por fim, agradeço de todo coração as minhas amigas e companheiras, Débora e Priscila, por partilharem comigo momentos alegres e tristes, e mesmo com nossas pequenas “discussões”, continuamos e continuaremos a ser eternas amigas.

Thais Martins Pena

“Há maior significado profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina”.

(Schiller)

RESUMO

Os contos de fadas, em sua tradição surgiram há milhares de anos. Sua valorização deu-se há alguns séculos atrás, quando passaram a ser narrados às crianças. Sua mais recente contribuição está ligada aos estudos de Bettelheim (1980), que se dedicou ao estudo dos conteúdos implícitos nos contos de fadas e sua importância na vida da criança. Através de histórias fantásticas, as crianças são capazes de se identificar com as personagens, expressar seus sentimentos, angústias e necessidades infantis e resolver conflitos psicológicos de acordo com a fase de desenvolvimento que estão passando. Os contos trazem à tona questões humanas que todos devem elaborar, como a separação, a morte, o desamparo. Muitos adultos acreditam que os contos de fadas são prejudiciais para a criança, pois trazem explicações racionais para tudo o que fazem. Dessa forma, impedem as crianças de lidar com seus próprios medos e ansiedades.

Palavras-chave: conto de fadas, criança, imaginação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OS CONTOS DE FADAS	13
2.1 GÊNERO DISCURSIVO	13
2.2 ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS	14
3 OS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA	20
4 CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	26
4.1 ANÁLISE DO CONTO DE FADA CINDERELA	29
5 DISCUSSÃO	34
6 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIA	37
ANEXO A – CONTO CINDERELA	39

1 INTRODUÇÃO

O tema “Educação Infantil: as implicações da fantasia no imaginário de crianças de três a cinco anos” foi escolhido para que, por meio de leituras sobre contos de fadas e suas origens, fosse possível compreender e perceber que os contos exercem uma influência muito benéfica na formação da personalidade humana. Isso acontece porque durante os contos, as crianças imaginam ser a personagem, envolvendo-se como se estivessem no seu lugar.

Histórias são fundamentais para a formação das crianças. Ouvir histórias desde cedo contribui na formação de leitores, e todo leitor abre caminho para um mundo mágico, guiado pela imaginação. E os contos de fadas são um eixo disparador ao desenvolvimento afetivo, cognitivo e imaginário infantil. Esses proporcionam às crianças uma viagem ao mundo de sonhos e desejos que em grande maioria não fazem parte do contexto real em que vivem.

Alguns autores acreditam que dificuldades internas como medo, amor, carência, autodescobertas, perdas e buscas são trabalhadas dentro dos contos de fadas, de modo a fazer com que no final sempre acabe de forma positiva. Segundo Abramovich (1994) para que as crianças possam lidar com essas “dificuldades” precisamos mostrar a elas a realidade sem adaptações, e sem “adocicá-los”, caso contrário, estaríamos roubando das crianças as oportunidades de sentirem que elas, por sua própria vontade consigam dar soluções a situações de conflitos. A autora ainda ressalta que os contos de fadas nos falam de diversos sentimentos que direcionam caminhos diferentes e várias formas de soluções de conflitos que podemos encontrar no mundo da fantasia. De acordo com Abramovich (1994, p. 137-138):

Os contos de fadas falam de tristezas, de desconfortos, de revelações, de sexualidade... Nos falam da vida e da morte, de ciclos que se iniciam e que se fecham... Nos falam da dificuldade de ser criança ou jovem, de como é preciso provar nossa capacidade a cada instante [...]. E como todas essas turbulências internas – que fazem parte da condição humana- também podem ser compreendidas ou resolvidas através do encantamento, da magia, da presença do maravilhoso [...] Falamos da fantasia, do poder de sonhar, desejar, do querer próximo o almejado (gente, bicho, forma de civilização ou o que seja...), segundo a importância real, efetiva, afetiva que tenha cada um.

Os contos de fadas são significativos, nosso baú dos tesouros, por enriquecer o mundo glorioso das fantasias e mistérios que envolvem suas entrelinhas e proporcionam uma comparação real e possível de se materializar. Logo, as crianças podem enxergar em seu dia a dia situações iguais ou parecidas com aquelas ouvidas desde a infância e, conseqüentemente enriquecem suas capacidades de raciocínio e compreensão da vida ao seu redor.

Refletindo sobre esses assuntos, levantamos algumas questões que nos instigaram a desenvolver esta pesquisa: a imaginação exerce alguma influência no desenvolvimento da criança? Os contos de fadas desempenham algum papel na construção do imaginário da criança? Que aspectos da formação humana são abordados nos contos de fadas? Muitos contos de fadas foram adocicados, isto é bom ou ruim para as crianças?

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral identificar a maneira com que os contos de fadas podem auxiliar no desenvolvimento do imaginário da criança e sua influência na construção da personalidade no início da infância. E, como objetivos específicos pretende-se: a) discutir o problema dos contos de fadas no contexto da educação infantil; b) compreender a relação entre os contos de fadas e o desenvolvimento do imaginário infantil; c) identificar as contribuições dos contos de fadas na educação infantil; d) verificar qual foi a necessidade de modificá-los ao longo da história.

Este trabalho dedicou-se, por meio de uma abordagem de referencial teórico, a buscar as principais fontes sobre a origem e o desenvolvimento dos contos de fadas ao longo dos anos. A pesquisa será dividida em três seções. A primeira será destinada a esclarecer a origem dos contos de fadas e o porquê de trabalharmos com este gênero discursivo. A segunda seção abordará o papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil e na formação da personalidade da criança e como os contos de fadas são “usados” no desenvolvimento intelectual da criança. E, por fim, abordaremos as possíveis contribuições dos contos de fadas na Educação infantil e as nossas contribuições finais. Tomaremos como arcabouço teórico: Bettelheim (1980), Coelho (2010), Abramovich (1994), Vygotski (1984), entre outros.

2 OS CONTOS DE FADAS

2.1 GÊNERO DISCURSIVO

Gêneros são modelos relativamente estáveis dos enunciados, quanto melhor você conhecer suas características, mais facilidade terá para formular hipótese sobre um texto pertencente a determinado gênero.

São as características de cada tipo de texto, a maneira como ele está apresentado ao leitor, seu *layout*, a forma como está organizado. Esses detalhes que determinam a que tipo de gênero cada texto pertence. Os gêneros discursivos são divididos em dois grupos: gêneros primários, que estão relacionados aos sentidos e também à oralidade, como conversas, debates, mímicas, fotografias. E gêneros secundários, que estão relacionados à escrita, como receitas, manuais, romances, documentos. Os meios de comunicação: livros, rádio, TV, internet não são gêneros discursivos, estes são apenas suportes de transmissão dos gêneros.

Elias e Koch (2010) comentam que no processo de leitura e construção de sentidos de cada texto, consideramos que cada escrita ou fala baseia-se em uma estrutura padrão, daquele determinado gênero, e por esse motivo em nosso cotidiano não apenas lemos textos diversos, como também produzimos, escrevemos cartas, recebemos e-mails, lemos anúncios, entre outros.

[...] E a lista é numerosa mesmo!!! Tanto que estudiosos que objetivaram o levantamento e a classificação de gêneros textuais desistiram de fazê-lo, em parte porque os gêneros, como práticas sociocomunicativas, são dinâmicas e sofrem variações na sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros, novos gêneros. (ELIAS; KOCH, 2010, p. 101).

Como por exemplo, dois gêneros que circulam na esfera jornalística: a notícia e o artigo. Exceto pelo fato de serem publicados em jornais e versarem sobre temas da atualidade, esses gêneros são muito diferentes. A notícia é um texto expositivo, sua intenção é informar sobre um acontecimento recente da maneira mais objetiva possível. Já o artigo é um texto opinativo, ele defende um ponto de vista por meio de argumentos. Sendo assim, cada gênero tem suas particularidades.

Segundo Bakhtin (2011, p.262):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida em que se desenvolve e se complexifica em determinado campo. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais

devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano (salienta-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema da situação e da composição dos participantes), o relato do dia a dia, a carta (em todas as suas diversas formas), o comando militar lacônico padronizado a ordem desdobrada e detalhada, o repertório bastante vário (padronizado na maioria dos casos) dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas (no amplo sentido do termo: sociais, políticas): mas aí também devemos incluir as variadas formas das manifestações científicas e de todos os gêneros literários (do provérbio ao romance de muitos volumes).

Diante de uma variedade imensa de gêneros discursivos optamos por falar dos contos de fadas, gênero textual. Este gênero narra fatos, explora o fictício, o imaginário, o lúdico.

Segundo Menéres (2003) a história cria laços entre os pais e os filhos, e os mantém mais próximos, principalmente nos dias atuais, em que os pais passam maior parte do tempo longe dos filhos.

Por meio do ‘deslocamento poético’ e da distanciação, a história fala-lhes de um outro eu: uma personagem que não os angustia e que os encoraja a falar. Sente o seu filho triste, deprimido? Comece por: ‘Era uma vez’, uma distanciação no tempo que o ‘desangustia’ e desinibe. Porque a personagem, o coelhinho, o pequeno ratinho, o príncipezinho ou a fada, é ele e um outro. Quando ele ouvir a história da princesinha que se tinha fechado na sua torre, de tão triste que estava, ficará tranquilo – era tão longe, foi há tanto tempo – e a distância faz desaparecer a angústia. (MENÉRES, 2003, p. 22).

O encantamento pelos contos não vem devido ao significado psicológico, mas às qualidades literárias. Assim como afirma Bettelheim (1980, p. 20):

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

2.2 ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

Os primeiros contos de fadas foram considerados criações populares. Isso significa que foram feitos por artistas do povo, pessoas humildes que simplesmente colocavam no papel aquilo que ouviam, para que mais tarde pudessem ser contadas em outros lugares para outras pessoas. Esses primeiros contos são para nós, assim como as histórias, de lobisomem, mula-sem-cabeça, saci, entre outras, que nossos pais nos contam. São histórias populares que ao passar do tempo viraram clássicos. Esses contos eram criados e elaborados coletivamente, uma pessoa iniciava a história, outra aumentava com suas experiências e uma terceira

modificava o que estava escrito e, assim nascia uma história. Essas histórias sobrevivem até hoje graças à memória e habilidade narrativa de gerações de contadores, que dedicaram uma boa parte da suas vidas contando histórias e repassando o aprendizado.

As histórias populares que chamamos de contos de fadas são muito antigas e acredita-se que estão associadas a alguns ritos das sociedades primitivas. Ritos esses de passagem de uma idade para outra, ou até mesmo mudança de estado civil. Machado (2002, p. 69-70) diz que:

[...] Por isso, guardariam tantas marcas simbólicas da puberdade e do início da atividade sexual. A insistência no sangue feminino (as gotas sobre a neve, que caem do dedo da mãe que borda ao se iniciar Branca de Neve, ou a de A Bela Adormecida que se pica no fuso de uma roca) e no vermelho (como em Chapeuzinho Vermelho, ou a rosa de A Bela e a Fera), por exemplo, seriam vestígios da primeira menstruação. O pé-de-feijão que cresce incontrolavelmente durante a noite, a torre alta que se ergue solitária, ou o enfrentamento de dragões e gigantes (figuras paternas) que devem ser derrotadas, por outro lado, se refeririam a ritos da puberdade masculina.

Machado (2002) mostra-nos uma pequena diferença na estrutura das histórias escritas pelos principais autores dos contos de fadas: Charles Perrault, Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen. Cada autor tinha a sua peculiaridade e característica própria ao escrever um conto e, também, destinados a públicos alvo diferentes, talvez, pelo fato da época em que cada um escrevia as histórias.

Segundo Machado (2002), a história dos contos de fadas se desenrola da seguinte maneira: Charles Perrault, dos três autores mais importantes, foi o que deu início à escrita dos contos de fadas. Nasceu em Paris, França no ano de 1628. Foi o primeiro a dar acabamento literário aos contos de fadas, o que lhe conferiu o título de Pai da Literatura Infantil. Em 1697 recontou e publicou alguns desses contos, especialmente para as crianças da corte real, narrando-os em versos ou prosa burilada, sempre acompanhado de uma moral. Suas principais obras foram: Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, O Pequeno Polegar, Barba Azul, As Fadas, O Gato de Botas, Pele de Asno, Cinderela, Os Desejos Ridículos, Riquete de Topete, entre outros. Mais de um século depois, surge na Alemanha os Irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm Grimm, nasceram em Hanau, em 1785 e 1786, respectivamente. Em 1802, organizaram uma coletânea onde se reuniam 210 contos. Diferentemente de Perrault, essas obras não se destinavam à leitura da corte, mas tinham como objetivo preservar o patrimônio literário alemão. Os Irmãos Grimm narravam os contos em prosa, numa linguagem bem próxima da oralidade, escreviam parecido ao que era falado, deixando-os bem próximos à linguagem dos contadores populares. Além de recontarem algumas versões de Perrault, Jacob

e Wilhelm ajudaram a trazer até nós alguns contos de fadas absolutamente eternos, entre eles: Branca de Neve, O Rei Sapo, Os Cisnes Selvagens, Os Músicos de Bremen, O Alfaiate Valente, Rumpelstiskim, João e Maria, As Guardadoras de Gansos. Algumas décadas depois, surge na Europa, mais precisamente na Dinamarca, Hans Christian Andersen, nascido em 1805, com uma outra grande antologia dos contos de fadas. Embora considere a trindade Perrault-Grimm-Andersen como o grande trio responsável pela compilação dos contos de fadas, Andersen veio com uma nova forma de escrever, diferentemente de Perrault e dos Irmãos Grimm. Não se limitou a recontar as histórias tradicionais, mas sim, criou várias histórias novas, seguindo os modelos tradicionais, mas trazendo sua marca individual e inconfundível. Suas novas obras são: O Patinho Feio, A Roupas Nova do Imperador, Polegarzinho, A Pequena Sereia, O Soldadinho de Chumbo, O Pinheirinho e tantos outros.

De acordo com Machado (2002, p. 73):

Essa possibilidade acendeu a imaginação de outros autores. A partir daí, pela primeira vez, algumas obras começaram a ser criadas especialmente para a leitura infantil, sem intenção didática. Por outro lado, grandes escritores consagrados em outros gêneros também se aventuraram a desafiar os preconceitos e fazer incursões criativas pelos contos de fadas.

Com isso, a literatura infantil foi ocupando seu espaço e apresentando sua importância. Assim, muitos autores foram surgindo e ficaram conhecidos devido às suas preciosas obras.

Para Coelho (2010), popularmente ‘literatura infantil’ nos faz pensar em belos livros, bem coloridos e com uma variedade de ilustrações destinadas apenas à distração do público infantil. Devido a essa função básica, até bem pouco tempo a literatura infantil foi minimizada como criação literária e tratada pela cultura oficial como um gênero menor.

Conforme Coelho (2010, p. 29):

Ligada desde a origem à divisão ou ao aprendizado das crianças, obviamente sua matéria deveria ser adequada à compreensão e ao interesse desse peculiar destinatário. E como a criança era vista como um ‘adulto em miniatura’, os primeiros textos infantis resultaram da adaptação (ou da minimização) de textos escritos para adultos, expurgadas as dificuldades de linguagem, as digressões ou reflexões que estariam acima da compreensão infantil, retiradas as situações ou os conflitos não-exemplares e realçando principalmente as ações ou peripécias de caráter aventuresco ou exemplar.

Esses primeiros contos direcionavam-se para adultos e aproveitados para as crianças por estimular a obediência. As obras didáticas produzidas para a infância, apresentavam um caráter ético, ou seja, o livro era utilizado exclusivamente para educar, sempre premiando o

bom e castigando o que era considerado mau. Logo, os contos de fadas, enquanto narrativa destinada ao público infantil, surgem na Europa durante a Idade Média Moderna e têm por fonte a tradição oral, provavelmente as primeiras narrativas que ficaram registradas na memória dos povos e foram transmitidas através dos tempos. Muitos contos revelam a afinidade com os ritos iniciais dos povos primitivos, em que o iniciado, para alcançar outra etapa da vida, submete-se a inúmeras provas cuja superação comprova o seu amadurecimento.

Segundo Silva (2009, p. 54):

Assim, enquanto, em sua face mais visível, as histórias voltadas para a criança assumem características locais, do tempo e do país em que foram geradas, em suas motivações mais profundas elas deitam raízes no terreno misterioso e fecundo dos arquétipos. Nesse domínio obscuro, escondem-se os temores, os anseios, as dúvidas, as inseguranças infantis. Porque se vincula a uma base arquetipal comum, a literatura infantil é capaz de seduzir a todas as crianças independente da época de sua produção ou da nacionalidade dos seus jovens leitores.

A literatura proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo.

De acordo com Gregorin Filho (2009, p. 50):

A atividade de leitura também pode ser vista como um processo cognitivo, já que, no processo de deciframento de signos do texto, o indivíduo realiza um esforço de abstração e, em determinados momentos, principalmente em textos mais longos, o leitor se vê às voltas com a progressão da leitura do texto e de sua interpretação global, ou seja, com a fluidez do texto e com o encadeamento de ideias que a compreensão do texto supõe.

Conforme Smith (1989, p. 22), “o significado da palavra ‘leitura’, em todos os sentidos, depende de tudo que está ocorrendo, não somente do que está sendo lido, mas do porque de um determinado leitor está lendo”.

Segundo Abramovich (1994), quando as crianças ouvem histórias passam a visualizar, de forma mais nítida, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidades, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos.

Quanto antes a criança tiver contato com os livros e perceber o encanto, a magia que a literatura traz maior será a chance de se tornar um adulto leitor. Da mesma forma, por meio da leitura a criança adquire uma postura crítica e um pensamento reflexivo, importante à sua formação cognitiva. De acordo com Coelho (2000, p. 27):

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra.

Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/ impossível realização...

O quanto antes a criança aprende a ler e utilizar a leitura como embasamento e fonte de informação ela se tornará um indivíduo mais crítico, mais comunicativo e capaz de interagir com o mundo e modificar a sociedade.

Pois, como disse Gregorin Filho (2009, p. 44):

Analisar literatura infantil é analisar uma obra de arte, e, sendo assim, o estudioso ou professor precisa estar ciente de que está diante de um processo de comunicação historicamente construído em que um destinador (adulto) se dirige a um destinatário (criança) com o intuito de expressar, por meio de sua ‘lente’ única de destinador, a ‘leitura’ que faz da sociedade e/ou do mundo.

Segundo Abramovich (1994), os contos de fadas caracterizam-se pela presença do elemento “fada”. Etimologicamente, a palavra vem do latim *fatum* (destino, fatalidade, oráculo). Tornam-se conhecidas como seres fantásticos ou imaginários. Dotados de virtudes e poderes sobrenaturais, interferem na vida dos homens, para auxiliá-los. Conforme Silva (2009, p. 68), [...] “o real e o plausível são rompidos, e tudo que acontece no plano das ações, por mais extraordinário que pareça, torna-se acreditável: os animais falam, os desejos se realizam [...], um sapo asqueroso vira um belo príncipe.”

O enredo básico dos contos de fadas expressa os obstáculos, ou provas, que precisam ser vencidas, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua autorrealização existencial. Encontramos nessas narrativas um número restrito de personagens, por esse motivo são facilmente entendidos pelo público infantil.

Os contos de fadas fazem parte do folclore de vários povos, retratam a sabedoria popular e os conteúdos são relacionados à existência humana e por sua transmissão oral antes mesmo da escrita, fica difícil saber ao certo a sua origem.

Segundo Machado (2010, p. 9-10):

Esse universo tem a ver também com outro aspecto: o da cultura oral. Trata-se de contos populares, de uma tradição anônima e coletiva, transmitidos oralmente de geração a geração e transportados de país em país. Muitos deles foram depois recolhidos em antologias por estudiosos, com maior ou menor fidelidade à versão original de seus contadores e contadoras. Em vários casos, foram recontados e reelaborados – ora ganhando qualidade literária nas novas roupagens, ora se perdendo em adaptações cheias de intenções de corrigir as matrizes populares. Ora mantendo seu vigor original, ora diluindo em pasteurizações.

As versões são diferentes e são adaptadas constantemente. Na verdade a grande maioria dos Contos que conhecemos, em sua origem possuíam um final bem diferente do “felizes para sempre”, envolviam temas mais pesados. Com o tempo, e com as versões feitas pela Walt Disney, elas foram sendo adaptadas para versões mais “suaves” e adequadas para as crianças. No entanto torna-se difícil saber qual seria a versão original de cada conto.

Segundo Pavoni (1989) os contos de fadas são formas simbólicas pelas quais a psique se manifesta. Jung frequentemente aponta para a necessidade de haver a integração do inconsciente no consciente a fim de assegurar a saúde psíquica da pessoa. Falando de fadas, princesas, o livro “Os contos e mitos no ensino: uma abordagem Junguiana”, mostra como os contos de fadas podem contribuir para a formação harmoniosa da criança. As histórias atraem as crianças levando-as a se interessarem pela leitura com o conseqüente desenvolvimento da expressão oral e escrita e um melhor rendimento também nas outras disciplinas.

3 OS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Um dos grandes desafios na criação de uma criança é colaborar na formação de forma significativa. Para tanto, esta orientação deve contribuir de maneira que a criança encontre significado na vida e para chegar neste significado a criança vivencia diversas experiências.

A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor, com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa. Para encontrar um significado mais profundo devemos ser capazes de transcender os limites estreitos de uma existência autocentrada e acreditar que daremos uma contribuição significativa para a vida, senão imediatamente agora, pelo menos em algum tempo futuro. (BETTELHEIM, 1980, p. 12).

Para Bettelheim (1980), esse sentimento deve estar presente para que possamos superar as diversidades e conflitos presentes no decorrer de nossas vidas. Desse modo, as crianças devem ser criadas com todos os recursos possíveis, para que a vida seja significativa para elas. Os significados são transmitidos pelos pais ou outros responsáveis pela educação da criança e por meio da cultura, e no caso das crianças, a literatura é a grande responsável em desenvolver a mente e a personalidade infantil.

Os livros e cartilhas onde aprende a ler na escola são destinados ao ensino de habilidades necessárias, independentemente do significado. A maioria da chamada 'literatura infantil' tenta divertir ou informar, ou as duas coisas. Mas grande parte destes livros são tão superficiais em substância que pouco significado pode-se obter deles. A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importância à nossa vida. (BETTELHEIM, 1980, p. 12).

Histórias ocas, portanto, pouco acrescentam na aprendizagem infantil, pois retiram a aprendizagem mais profunda. Histórias para serem atrativas para o público infantil devem despertar a curiosidade e estimular a imaginação, ajudando a desenvolver o raciocínio e ao mesmo tempo sugerir soluções para problemas que o perturbam.

Coelho (2003, p.79) define:

Embora ambas pertençam ao universo do maravilhoso, as formas narrativas 'contos maravilhosos' e 'contos de fadas' apresentam diferenças essenciais, quando analisadas em função da problemática que lhes serve de fundamento. Grosso modo, pode-se dizer que o conto maravilhoso tem raízes orientais e gira em torno de uma problemática material/social/sensorial – a busca de riquezas; a conquista de poder; a satisfação do corpo etc. - , ligada basicamente à realização socioeconômica do indivíduo em seu meio. Ex:

Aladim e a Lâmpada Maravilhosa; O Gato de Botas; O Pescador e o Gênio; Simbad, o Marujo. Quanto ao conto de fadas, gira em torno de uma problemática espiritual/ética/existencial, ligada à realização interior do indivíduo, basicamente por intermédio do Amor. Daí que as suas aventuras tenham como motivo central o encontro/a união do Cavaleiro com a Amada (princesa ou plebéia), após vencer grandes obstáculos levantados pela maldade de alguém. Ex: Rapunzel, O Pássaro Azul, A Bela Adormecida, Branca de Neve e os Sete Anões, A Bela e a Fera.

Bettelheim (1980), comenta que os contos de fadas pouco ensinam sobre a vida moderna, já que estes contos foram criados há muito tempo atrás. Mas por meio deles pode-se aprender mais sobre conflitos interiores dos seres humanos, e sobre possíveis soluções para qualquer sociedade, do que em qualquer outro tipo de história dentro da compreensão infantil.

De acordo com Coelho (2010, p. 54):

O maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Essa tem sido a conclusão da psicanálise, ao provar que os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional.

Abramovich (1994, p. 120) afirma que a eternidade dos contos de fadas ocorre pelo fato das histórias incluírem o fantástico e o maravilhoso, “um universo que detona a fantasia, partindo sempre de uma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu.”

Segundo Silva (2009, p. 56), “o medo de crescer e de sair da tutela dos pais tem fundas raízes no imaginário, e as narrativas infantis dão forma a essa ansiedade.”

Um grande problema citado por Bettelheim (1980) em relação aos contos modernos é que estes evitam escrever sobre problemas existenciais, embora eles sejam questões cruciais para todos nós. Os contos modernos não mencionam morte, envelhecimento, os limites de nossas existências. Os contos de fadas, em contraste, confrontam honestamente com os conflitos humanos básicos, simplificam todas as situações. Os personagens são apresentados claramente, e praticamente todos contos de fadas apresentam o bem e o mal, já que ambos estão presentes em todo homem. Os contos contribuem na aprendizagem moral, e na intimidação para torcer para o mal, já que este sempre perde.

Não é o fato do malfeitor ser punido no final da estória que torna nossa imersão nos contos de fadas uma experiência em educação moral, embora isto também se dê. Nos contos de fadas, como na vida, a punição ou temor dela é apenas um fator limitado de intimidação do crime. A convicção de que o crime não compensa é um meio de intimidação muito mais efetivo, e esta é a razão pela qual nas estórias de fadas a pessoa má sempre perde. (BETTELHEIM, 1980, p. 15).

Bettelheim (1980), relata que os pais tendem a apresentar apenas o lado agradável acreditando que a criança deve ser distraída do que a perturba, mas esta posição pouco acrescenta na vida da criança, já que a realidade nem sempre é agradável. Querer que a criança acredite que todos os homens são bons, não é a melhor forma, já que elas sabem que não são sempre boas. Isto apenas confundiria o seu raciocínio e a faria sentir-se um monstro a seus próprios olhos. As figuras dos contos de fadas não são ambivalentes, não são boas e más ao mesmo tempo, como somos todos na realidade, pois não permitiria que as crianças pudessem perceber o que é bom e o que é mau. No entanto, a criança decide e se identifica com um personagem não pelo fato de ser bom ou mau, mas por pensar e desejar se parecer com ele.

Coelho (2010, p. 54-55), também afirma, “o maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, etc. facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social.”

De acordo com Bettelheim (1980), a atividade intelectual, no caso a alfabetização, acontece se a criança, inicialmente, e por algum tempo depois, vivenciar a leitura como satisfação da fantasia, como uma mágica poderosa. Tendo em vista esse pressuposto, a criança, ao ouvir histórias estimulantes que satisfaçam suas fantasias, desejará ler sozinha essas histórias, na ausência de alguém que as conte. Desse modo, a fantasia e o imaginário podem contribuir para a aquisição tanto da leitura como da escrita.

Bettelheim (1980), comenta que os contos de fadas seguem o mesmo modo que a criança pensa e experimenta o ambiente ao seu redor. Por este motivo, as histórias dos contos atraem tanto a sua atenção e são convincentes. Por meio dos contos, a criança pode obter um alívio muito maior do problema que a perturba, do que um consolo baseado em visões e raciocínio adulto. Os contos são confiáveis para o público infantil, porque o que nele é apresentado é semelhante ao modo que a criança enxerga o mundo.

De acordo com Schuveter (2009), a brincadeira de faz de conta, ao mesmo tempo que ajuda a criança a desenvolver a auto confiança, auxilia a transpor os obstáculos da vida real, como vestir-se, comer um alimento sem deixar cair, fazer amigos, enfim corresponder às expectativas dos padrões adultos, além do que a brincadeira de faz de conta faz com que as crianças aumentem suas habilidades linguísticas e são levadas a solucionar melhor os problemas e desenvolverem a cooperação.

Segundo Jersild (1971, p. 358):

Através do faz de conta, dos devaneios e de outras atividades da imaginação é a crianças capaz de ampliar enormemente a extensão do seu mundo. Na

sua imaginação, salta ela as fronteiras do tempo e do espaço consuma façanhas que passam dos limites da sua força real.

Bettelheim (1980) acredita que a ausência dos contos de fadas pode gerar consequências terríveis. Para ele muitos jovens que hoje buscam fuga em drogas, participam de rituais de magia negra, acreditam em astrologia, ou que de outra forma tentam fugir da realidade, por meio de experiências mágicas que mudariam a sua realidade, foram na verdade, forçados antes do tempo a encarar o mundo de forma adulta. Sendo assim, a tentativa de fugir da realidade de uma dessas formas tem sua causa em experiências prematuras, em que o desenvolvimento não ocorreu no tempo certo. Para Vygotski (1984), é praticamente impossível a uma criança com menos de três anos envolver-se em uma situação imaginária, porque ao passar do concreto para o abstrato não há continuidade, mas uma descontinuidade. Só brincando é que ela vai começar a perceber o objeto não da maneira que ele é, mas como desejaria que fosse, o brincar é a situação imaginária criada pela criança.

Bettelheim (1980), afirma que os contos de fadas, melhor do que qualquer outra história infantil, ensinam a lidar com os problemas interiores e achar soluções certas em qualquer sociedade em que se esteja inserido. A criança, como ser participante e atuante da sociedade, aprenderá a enfrentar e aceitar sua condição, desde que seus recursos interiores lhe permitam.

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis obter um sentimento de individualidade e de autovalorização e um sentido de obrigação moral - a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da história em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo (BETTELHEIM, 1980, p. 16).

Segundo Bettelheim (1980), os contos de fadas estimulam o entendimento das relações humanas, de seus medos e angústias ajudando a criança na solução dos problemas.

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem a criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 1980, p. 14).

Para extrair um sentido de sua existência, o homem precisa aceitar a natureza problemática da vida sem ser vencido ou induzido a sua tendência para fugir à realidade ou à rotina. A configuração e o teor dos contos oferecem imagens para que a criança estruture seus devaneios, lide com seus medos interiores, dando direção a uma vida saudável no âmbito mental e espiritual (BETTELHEIM, 1980).

Para Menéres (2003) os contos de fadas garantem à criança que as dificuldades encontradas podem ser solucionadas, as florestas atravessadas, os medos enfrentados e os perigos mudados, por menor e insignificante que seja quem pretende vencer na vida. E a criança, desprotegida, pequena e frágil, sente que também pode ser capaz de vencer os seus medos, assim como o herói.

Segundo Bettelheim (1980, p. 145):

O conto de fadas oferece à criança a esperança de que algum dia o reino será dela. Como a criança não pode fazer por menos, mas não acredita poder conseguir este reino por conta própria, o conto de fadas diz-lhe que virão forças mágicas em sua ajuda. Isto reinflama as esperanças que, sem estas fantasias, se extinguiriam pela dura realidade.

Silva (2009) deixa claro que os contos de fadas podem ser trabalhados com diferentes faixas etárias, pois utilizam uma linguagem simbólica. O raciocínio lógico não é descartado, mas na narrativa não é considerado a ferramenta principal, uma vez que a simbologia é o marco dos contos de fadas. A narrativa traz em suas entrelinhas significados importantes dos níveis da personalidade humana. Logo, são atrativos tanto para crianças, quanto para jovens e adultos e, por trabalharem a simbologia, não fazem uso direto do pensamento lógico.

O autor Bettelheim (1980) diz que “nunca se deve explicar os significados dos contos para as crianças. Todavia, a compreensão do narrador quanto à mensagem do conto de fadas é importante para a mente pré-consciente da criança”. É preciso que o narrador saiba escolher a história de acordo com o estágio em que a criança se encontra para que assim ela possa entender a si própria. Os autores que aboliram os contos de fadas tradicionais e folclóricos resolveram que as histórias que apresentavam monstros deveriam ser amigáveis, esquecendo-se que a criança tem medo do monstro que existe em seu interior e no qual possa se transformar. Deixando esse monstro escondido em seu interior tira a possibilidade de criar fantasias em torno dos contos de fadas. Dessa forma a criança não consegue conhecer os conflitos de seu interior e se livrar dos pensamentos que a perturbam. E como resultado ficam sem conseguir lidar com suas piores ansiedades mais do que se tivesse ouvido essas narrativas que apresentam soluções para vencer. Se nosso medo de ser destruído transforma-se em uma

bruxa podemos nos livrar dele queimando a bruxa assim como em uma história de contos de fadas. Mas estas considerações não ocorrem aos que aboliram os contos de fadas.

4 CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para os psicólogos interacionistas, Piaget (1980) e Vygotski (1984), as crianças procuram sempre de forma ativa, compreender aquilo que vivenciam e explicam aquilo que lhes é estranho, construindo hipóteses que lhes pareçam razoável.

Segundo Davis e Oliveira (1994, p. 36):

As crianças vão portanto, construindo os seus conhecimentos por meio de sua interação com o meio. Nessa interação, fatores internos e externos se interrelacionam continuamente, formando uma complexa combinação de influências. Os interacionistas destacam que o organismo e o meio exercem ação recíproca. Um influencia o outro e essa interação acarreta mudanças sobre o indivíduo, É, pois na interação da criança com o mundo físico e social que as características e peculiaridades desse mundo vão sendo conhecidos. Para cada criança a construção desse conhecimento exige elaboração, ou seja, uma ação sobre o mundo.

É através da interação com outras pessoas, adultos e crianças que, desde o nascimento, o bebê vai construindo suas características, seu modo de agir, de pensar, de sentir e sua visão de mundo, seu conhecimento. Neste sentido, Zilberman (1981, p. 46) afirma que:

Os contos de fadas, como é apresentado à infância, faz a criança acostumar-se, ou pelo menos deve acostumá-la, a reagir na forma conformada de sonhos, quando desenvolve impulsos que estão em desacordo com a sociedade.

Para Piaget (1980) o desenvolvimento cognitivo do indivíduo ocorre através de constantes desequilíbrios e equilíbrações. O aparecimento de uma nova possibilidade orgânica no indivíduo ou a mudança de alguma característica do meio ambiente, por no mínimo que seja, provoca a ruptura do estado de repouso, da harmonia entre organismo e meio, causando assim um desequilíbrio. Para tanto dois mecanismos são acionados para alcançar um novo estado de equilíbrio: a assimilação, que, por meio dela o organismo, sem alterar suas estruturas, desenvolve ações destinadas a atribuir significações, a partir da sua experiência anterior, aos elementos do ambiente com os quais interage. E o outro mecanismo é a acomodação, onde o organismo tenta restabelecer um equilíbrio superior com o meio ambiente.

De acordo com Davis e Oliveira (1994, p. 38):

Ao longo do processo de desenvolvimento existem, no entanto, ocasiões em que um desses mecanismos prepondera sobre o outro. Assim, há momentos em que a assimilação prevalece sobre a acomodação, como ocorre no jogo simbólico infantil, onde o mesmo esquema é aplicado a diferentes objetos

(ou diferentes esquemas a um mesmo objeto), modificando-lhes os significados. É possível, por exemplo, ver a criança pequena usar em sua brincadeira uma folha de jornal de diferentes maneiras: para cobrir uma boneca, para fazê-la voar como se fosse um avião, para servir como bolo. Mas a criança pode também aplicar o esquema de ‘jogar para cima’ a uma bola de papel, a uma folha de jornal, a uma boneca, etc.

Para Pregnotato (2005), os contos de fadas exercem uma influência muito benéfica na formação da personalidade porque, por meio da assimilação dos conteúdos da história, as crianças aprendem que é possível vencer os obstáculos e saírem vitoriosas, especialmente quando o herói vence no final.

Bettelheim (1980) também afirma que para a criança obter o seu desenvolvimento individual é necessário ter uma visão mais ampla do mundo a sua volta. A criança precisa ser apoiada pelos pais diante de sua reflexão do real e do imaginário, caso contrário o amadurecimento da sua personalidade será arruinado. A personalidade humana não se divide entre boa e má. Qualquer que seja a experiência vivida influenciará a personalidade como um todo.

A imaginação da criança sempre pode ir além do que pensamos, ela não está apenas associada a habilidades que estão ligadas a um conhecimento específico. Bettelheim (1980, p. 138) afirma que, “embora a fantasia seja *irreal*, os bons sentimentos que ela nos dá sobre nós mesmos e nosso futuro *são reais*, e estes bons sentimentos reais são o de que necessitamos para sustentar-nos.” Chaui (2003, p. 144) também ressalta que “graças à imaginação, abre-se para nós o tempo futuro, isto é, o tempo do que ainda não existe, e dos possíveis ou das coisas possíveis, isto é, do que poderia ou poderá vir a existir”. Por isso podemos utilizar essa ferramenta para trabalhar as várias vertentes de uma mesma situação, ganhando assim mais recursos para ajudar a criança a lidar com as diferentes problematizações próprias da idade como, por exemplo, seus temores, seus impulsos agressivos etc.

Segundo Jersild (1971, p. 358):

A imaginação de uma criança desempenha um papel importante em todos os aspectos do seu desenvolvimento. Na esfera intelectual, é ela capaz de, graças a imaginação, experimentar, explorar, manipular ideais, sem ficar presa pela regra da lógica. Na esfera emocional, pode dar largas a seus desejos, temores, esperanças e impulsos agressivos. Frequentemente emprega a imaginação do seu desenvolvimento social, pois grande parte das suas brincadeiras com outras crianças se desenrola em cenário imaginário. E há também uma interação entre a atividade imaginativa da crianças e seu desenvolvimento motor : muitas habilidades importantes são adquiridas ou praticadas em atividades lúdicas, nas quais há elevado conteúdo imaginativo, como por exemplo, no brinquedo com bonecas e no de dona-de-casa. Muitas

vezes o faz-de-conta proporciona o contexto ou finalidade, quando a criança pratica atividades motoras tais como trepar, nadar ou andar de bicicleta.

Toda e qualquer pessoa tem dentro de si o recurso da imaginação, mas para que este recurso seja utilizado de maneira apropriada o lugar onde ela se encontra deverá ser propício a tal. Pois para que haja o seu desenvolvimento completo, é preciso que se tenha um ambiente favorável possibilitando a total descoberta do novo. Assim, como afirma Zilberman (1981), quando se analisa o universo da criança, verifica-se que o contato original dela com o mundo se faz por intermédio da audição e da recepção de imagens visuais. O texto escrito lhe é imposto tão somente após a interferência e intermediação da escola. A partir de então, ela tem acesso às mesmas modalidades de cultura, podendo fazê-lo de modo autônomo, por libertar-se lentamente do adulto, senhor da voz que até então lhe transmitia o conhecimento. Graças à imaginação, a criança unifica diferentes representações mentais em novos contextos, recombinando-as, suprimindo lacunas entre elas e reformulando-as, de forma a conceber, assim, possíveis mudanças na realidade. Todo ser humano pode desenvolver grande capacidade imaginativa, desde que sejam garantidas condições para tal, um ambiente acolhedor, que promova a liberdade de pensamento, que incentive a ousadia nas formas de expressão e que valorize a descoberta do novo.

Segundo Davis e Oliveira (1994, p. 69-70):

A imaginação é a habilidade que os indivíduos possuem de formar representações, ou seja, de contribuir imagens mentais acerca do mundo real ou mesmo de situações não diretamente vivenciadas. A imaginação não pode ser considerada, entretanto, como uma cópia fiel de objetos ou situações, nem como uma invenção absolutamente livre da influência do real.

A imaginação é um recurso criativo da realidade, que é possível ser observado no ato de brincar, desenhar e até mesmo nas brincadeiras de faz-de-conta. Esse desenvolvimento a criança só consegue atingir quando obtém informações suficientes para desempenhar uma crescente capacidade de simbolização.

Held (1980) ressalta que a imaginação não se constrói sozinha, ela só tem êxito trabalhando junto a razão. O caminho não é extinguir a imaginação da infância, mas sim, cultivá-la para que ela auxilie o desenvolvimento racional.

O papel do fantástico não é, de maneira alguma, dar à criança receitas de saber e de ação, por mais exatas que sejam. A literatura fantástica e poética é, antes de tudo e indissociavelmente, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fonte de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, pois, mais críticos diante do mundo. E porque quebra clichês e

estereótipos, porque essa recriação que desbloqueia e fertiliza o imaginário pessoal do leitor, é que é indispensável para construção de uma criança que, amanhã, saiba inventar o homem. (HELD, 1980, p. 234).

Como ressalta Bettelheim (1980), grande parte dos pais receiam que seus filhos sejam dominados pela fantasia existente nas histórias de fadas e passem a crer apenas na magia. Entretanto, a magia é algo comum no imaginário infantil que com o tempo é substituída pelo surgimento das novas fases do amadurecimento.

Conheci crianças com distúrbios que nunca tinham ouvido estórias de fadas, mas que colocavam num ventilador ou motor elétrico mais mágica e poder destrutivo do que qualquer estória de fadas impõe ao personagem mais poderoso e execrável. Outros pais temem que a mente da criação possa ficar tão entupida de fantasia de fadas que não aprenda a lidar com a realidade. (BETTELHEIM, 1980, p. 130).

Para Zilbermam (1981), a imaginação infantil é contraditória, porque há influências positivas e negativas tanto da sociedade quanto dos adultos. A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Contudo, a criança exige respostas dos adultos e da sociedade para suprir suas necessidades essenciais.

Apesar de a criança viver no mesmo mundo dos adultos, ela o pensa, sente e vê de forma diferente. Reconhecer a exterioridade do mundo implica, para ela, reconhecer os próprios poderes e limites, e é nesse confronto que ela vai se construindo.

4.1 ANÁLISE DO CONTO DE FADA “CINDERELA”

Cinderela, também conhecida como Borracheira é um dos contos de fadas mais antigo, conhecido e certamente o mais explorado. Em seu contexto o “sapatinho” de cristal simboliza a beleza feminina e a delicadeza vinda de sua origem oriental. Atualmente não associamos essa simbologia a sexualidade como os chineses que tinham o costume de enfaixar os pés das mulheres para que esses não crescessem.

O conto de fadas Cinderela aborda vários temas relacionados a conflitos interiores como desejos, medos e anseios do ser humano em geral. Esse conto traz um imenso valor psicanalítico, pois aborda formas acessíveis ao imaginário infantil que ajudam as crianças a trabalharem suas ansiedades, angústias e seus conflitos íntimos.

Assim como afirma Cox, (1893) apud Bettelheim (1980, p. 286):

[...] Que fez um estudo globalizante de 345 estórias de ‘Borrallheira’, dividiu-as em três grandes categorias. O primeiro grupo contém apenas os dois traços essenciais a todas: uma heroína maltratada, e seu reconhecimento por meio do sapatinho. O segundo grupo principal contém mais dois traços fundamentais: o que Cox chama, no seu estilo vitoriano, de ‘pai desnaturado’ - quer dizer, um pai que deseja casar-se com a filha - e outro traço consequente deste - a fuga da heroína, o que finalmente transforma-a numa ‘Borrallheira’. No terceiro grande grupo de Cox, os dois traços adicionais do segundo grupo são substituídos pelo que ele chama de ‘Julgamento do Rei Lear’: um pai que extrai da filha uma declaração de amor que julga insuficiente, e por isso ela é banida, o que a induz à posição de ‘Borrallheira’.

1º Trecho:

“A nova esposa trouxe suas duas filhas, ambas louras e bonitas – mas só exteriormente. As duas tinham alma feia e cruel.

A partir desse momento, dias difíceis começaram para a pobre enteada.

- Essa imbecil não vai ficar no quarto conosco! – reclamaram as moças. – O lugar dela é na cozinha! Se quiser comer pão, que trabalhe!

Tiraram-lhe o vestido bonito que ela usava obrigaram-na vestir outro, velho e desbotado, e a calçar tamancos.

- Vejam só como está toda enfeitada a orgulhosa princesinha de antes! – disseram a rir, levando-a para a cozinha.

A partir de então, ela foi obrigada a trabalhar, da manhã à noite, nos serviços mais pesados. Era obrigada a se levantar de madrugada, para ir buscar água e acender o fogo. Só ela cozinhava e lavava para todos.

Como se tudo isso não bastasse, as irmãs caçoavam dela e a humilhavam. Espalhavam lentilhas e feijões nas cinzas do fogão e obrigavam-na a catar um a um.

À noite, exausta de tanto trabalhar, a jovem não tinha onde dormir e era obrigada a se deitar nas cinzas do fogão. E, como andasse sempre suja e cheia de cinza, só a chamavam de Cinderela.”

De acordo com Bettelheim (1980, p. 278):

Nenhum outro conto relata tão bem como ‘Borrallheira’ as experiências internas da criança pequena nos espasmos da rivalidade fraterna, quando ela se sente desesperadamente marginalizada pelos irmãos e irmãs. Borrallheira é humilhada e rebaixada pelas irmãs adotivas; a madrasta sacrifica os interesses de Borrallheira em favor dos das irmãs; deve executar os trabalhos mais sujos e mesmo fazendo-os bem, não é aceita por eles; só lhe fazem mais exigências. É como se sente a criança quando é devastada pelas desgraças da rivalidade fraterna. Embora as tribulações e humilhações de Borrallheira possam parecer exageradas ao adulto, a criança arrebatada pela rivalidade fraterna sente que ‘É assim comigo; é como me maltratam ou

gostariam de maltratar; é como me menosprezam.’ E há momentos - às vezes longos períodos - em que, por razões internas, a criança se sente desta maneira mesmo quando sua posição entre os irmãos não pareça dar motivos para isso.

A criança que vive o conflito fraterno não se sente aliviada apenas por ter um conselho de um adulto de que futuramente tudo irá melhorar. Sentindo-se inferiorizada pelas irmãs não é capaz de acreditar que sozinha conseguirá solucionar os seus problemas. Neste sentido, ela encontra sua paz interior por meio das perturbações vividas pela personagem.

Nos contos de fadas há, geralmente, competição entre irmãos do mesmo sexo, entretanto na visão de Bettelheim (1980), a rivalidade acontece entre consanguíneos de sexo oposto.

Bettelheim (1980) relata que o conto Cinderela colabora para que a criança aceite os conflitos existentes entre irmãos, como algo banal e que não devemos rotular a criança simplesmente por uma ação isolada. Ensina que não se deve julgar o outro pela aparência exterior, entretanto, é preciso conhecer o que há de melhor em seu interior. Assim podemos, realmente, diferenciar o bem do mal.

2º Trecho:

“Ela agradeceu, levou o ramo para o túmulo da mãe, plantou-o ali, e chorou tanto que suas lágrimas regaram o ramo. Ele cresceu e se tornou uma aveleira linda. Três vezes, todos os dias, a menina ia chorar e rezar embaixo dela.”

Segundo Bettelheim (1980, p.299):

Os processos interiores de Borracheira começam com seu luto desesperado pela mãe, simbolizado pela existência entre as cinzas. Se ficasse grudada ali, não haveria nenhum desenvolvimento interior. O luto, como uma transição temporária para continuar a viver sem a pessoa amada, é necessário. Mas, para a sobrevivência, ele deve ser finalmente transformado em algo positivo: a construção de uma representação interna daquilo que foi perdido na realidade. Um objeto interior deste tipo ficará sempre inviolável dentro de nós, independente do que suceda na realidade. Quando Borracheira chora sobre o ramo que plantou, mostra que mantém viva a memória da mãe morta. Mas a árvore cresce, e o mesmo ocorre com a mãe interiorizada dentro de Borracheira.

O luto sofrido pela Borracheira discorre para que ela consiga transpor o sentimento de perda podendo usá-lo como suporte para sua superação e assim alcançar o seu objetivo de ser

feliz. A imagem da mãe ainda continuará presente em seu interior, mas agora transmitindo a paz que se faz necessária para que prossiga sua vida.

3º Trecho:

”Quando souberam que também deveriam comparecer, as duas filhas da madrasta ficaram contentíssimas.

- Cinderela! – gritaram. – Venha pentear nosso cabelo, escovar nossos sapatos e nos ajudar a vestir, pois vamos a uma festa no castelo do rei!

Cinderela obedeceu chorando, porque, ela também queria ir ao baile. Perguntou à madrasta se poderia ir, e esta respondeu:

- Você, Cinderela! Suja e cheia de pó, está querendo ir à festa? Como vai dançar, se não tem roupa nem sapatos?

Mas Cinderela insistiu tanto que, afinal, ela disse:

- Está bem. Eu despejei nas cinzas do fogão um tacho cheio de lentilhas. Se você conseguir catá-las todas em duas horas, poderá ir.

A jovem saiu pela porta dos fundos e correu para quintal [...]

[...] Porém, a madrasta disse:

- Não adianta, Cinderela! Você não vai ao baile! Não tem vestido, não sabe dançar e só nos faria passar vergonha!

E, dando-lhe as costas, partiu com suas orgulhosas filhas.”

Conforme Bettelheim (1980) afirma, no conto Cinderela, é preciso passar por algumas dificuldades temporárias, durante a vida, para que em um futuro próximo consiga-se superar as barreiras, aliviar o sofrimento e ter um desfecho positivo. Cinderela encaminha as crianças a partir das suas decepções, ansiedades e opiniões desvalorizadas a desenvolver sua autonomia e senso crítico, fazendo com que descubra sua própria identidade.

4º Trecho:

“A madrasta e as filhas levaram um susto e ficaram brancas de raiva. O príncipe ergueu Cinderela, colocou-a na garupa do seu cavalo e partiram. Quando passaram pela aveleira, as duas pombinhas brancas cantaram:

- Olhe para trás! Olhe para trás!

Não há sangue no sapato,

que serviu bem demais!

Essa é a noiva certa.

Pode ir em paz!

E, quando acabaram de cantar, elas voaram e foram pousar, uma no ombro direito de Cinderela, outra no esquerdo; ali ficaram.

Quando o casamento de Cinderela com o príncipe se realizou, as falsas irmãs foram à festa. A mais velha ficou à direita do altar, e a mais nova, à esquerda.

Subitamente, sem que ninguém pudesse impedir, a pomba pousada no ombro direito da noiva voou para cima da irmã mais velha e furou-lhe os olhos. A pomba do ombro esquerdo fez o mesmo com a mais nova, e ambas ficaram cegas para o resto da vida.”

Bettelheim (1980) ressalta a importância das imagens de heróis solitários, confiantes interiormente, cujo destino convence a criança que, apesar de se sentir rejeitada e abandonada pelo mundo, como herói ou heroína, ela será guiada e ajudada sempre que precisar, estabelecendo relações significativas e compensadoras com o mesmo. Os contos de fadas relatam em sua maioria, que assim como os heróis as crianças também podem lutar e vencer situações onde apresentam dificuldades e que podem sair vitoriosas. O final feliz seria inacabado se as personagens opositoras não sofressem consequências pelos seus atos. São os pássaros que executam a punição, furando os olhos das irmãs. A cegueira nada mais é do que uma representação da sua falta de visão quando pensaram que poderiam rebaixar os outros para conquistar sua felicidade. Os contos de fadas apresentam a mesma estrutura, mas podem ser diferentes em seus detalhes. O herói vence o mal e enfrenta desafios para no final ficar com a linda princesa e viver feliz para sempre.

5 DISCUSSÃO

Por meio da revisão literária feita neste trabalho, podemos afirmar que os contos de fadas em sua origem eram para adultos, mas com o tempo passaram a ser utilizados para o público infantil, com o objetivo de educar as crianças, premiando a boa conduta e castigando o mau comportamento. (COELHO, 2010; MACHADO, 2002). Os três principais autores que se destacaram devido a esses contos infantis são: Perrault, irmãos Grimm e Andersen, e cada um tinha o seu modo de escrever. (MACHADO, 2002). Os contos trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidades, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos. (ABRAMOVICH, 1994; BETTELHEIM, 1980). E por meio desta leitura as crianças adquirem uma postura crítica e um pensamento reflexivo, importante à sua formação cognitiva. (COELHO, 2010; GREGORIN FILHO, 2009).

As histórias devem estimular a imaginação, ajudando a desenvolver o raciocínio e ao mesmo tempo sugerir soluções para problemas que a perturbam. As crianças ao terem contato com os contos de fadas conseguirão resolver os conflitos interiores e, que a fantasia e o imaginário presentes nos contos de fadas contribuem para aquisição da leitura e da escrita. (BETTELHEIM, 1980). A brincadeira de faz de conta, ao mesmo tempo em que ajuda a criança a desenvolver a auto confiança auxilia a transpor os obstáculos da vida. (SCHUVETER, 2009). Assim os contos de fadas garantem a criança que as dificuldades encontradas podem ser solucionadas, e que a criança desprotegida, pequena e frágil sente que também pode ser capaz de vencer os seus medos. (MENÉRES, 2003).

Para os psicólogos interacionistas, as crianças procuram sempre de forma ativa, compreender aquilo que vivenciam e explicam aquilo que lhes é estranho, construindo hipóteses que lhes pareçam razoável. (PIAGET, 1980; VYGOTSKI, 1984). Desta forma os contos de fadas exercem uma influência positiva na formação da personalidade pois através deles e com a assimilação das histórias elas aprendem que é possível vencer os obstáculos e saírem vitoriosas. (PREGNOLATO, 2005). É necessário que a criança tenha visão ampla do mundo, necessitando do auxílio dos pais que devem mostrar a distinção do real e do imaginário, mostrando que a personalidade não se divide entre boa e má. (BETTELHEIM, 1980). A imaginação dentro dos contos de fadas, pode ser utilizada como ferramenta em diversas formas de uma mesma situação, ganhando mais recursos para ajudar a criança a lidar com diferentes problematizações, como por exemplo seus temores, seus impulsos agressivos. (CHAUI, 2003). A imaginação é um recurso criativo da realidade e podemos observar tudo

isso quando observamos a criança no ato de brincar, desenhar e ate mesmo nas brincadeiras de faz de conta. (DAVIS; OLIVEIRA, 1994).

Na análise do conto, o sapatinho de cristal simboliza a beleza feminina e a delicadeza vinda de sua origem oriental, mas abordaremos o conto em outro sentido, mostrando que ele aborda vários temas relacionados a conflitos internos como: desejos, medos e anseios. Esse conto traz um imenso valor, pois aborda formas acessíveis ao imaginário infantil que ajudam as crianças a trabalharem com suas ansiedades, angustia e conflitos íntimos. (BETTELHEIM, 1980). O conto Cinderela colabora para que as crianças aceitem os conflitos existentes entre irmãos, que não devemos rotular a criança simplesmente por uma ação isolada, ensina que não se deve julgar o outro pela aparência exterior e assim conseguimos diferenciar o bem e o mal. A personagem passa por dificuldades temporárias para que em um futuro próximo consiga superar as barreiras, aliviar o sofrimento e finalmente ter um desfecho positivo. O conto desenvolve na criança a partir de suas decepções a autonomia e seu senso critico, fazendo com que ela descubra sua própria identidade. (BETTELHEIM, 1980).

6 CONCLUSÃO

Ao fim da pesquisa concluímos que os contos de fadas não eram escritos para o público infantil, mas com o tempo tornaram-se leituras próprias para as crianças.

Um dos principais aspectos detectados ao longo da pesquisa foi que as crianças se encantam pelos contos de fadas pelo fato deles desenvolverem a identidade e a comunicação e, também por motivarem suas experiências para formação do caráter.

Por meio das análises abordadas em nossa pesquisa, fica evidente que os contos de fadas colaboram para o desenvolvimento infantil, considerando o aspecto cognitivo e da construção da personalidade. Dessa forma foi possível inferir que trabalhar com a fantasia ajuda a ampliar o imaginário infantil, favorece a socialização e desenvolve a criatividade.

É importante destacar que o trabalhar os contos de fadas com o público infantil contribui para o desenvolvimento intelectual e afetivo da criança. Com isso, são considerados importantes ferramentas para nos auxiliar no trabalho diário com as crianças.

Ainda que a sociedade atual seja diferente da época em que os contos de fadas nasceram, a mensagem que eles apresentam são atemporais. As crianças se encantam com as narrativas devido aos conflitos das personagens que são apresentados, justamente por serem equivalentes aos que as atormentam. Essas histórias carregam uma força profunda, que não se deve apenas a mera função de distrair ou embalar o sono das crianças. O grande poder dos contos está na magia que apresentam e na fantasia que despertam. E foi essa magia que tivemos o prazer de observar nesta pesquisa.

A importância da utilização dos contos de fadas e seus benefícios às crianças estão associados ao faz de conta e às questões universais, como o conflito fraterno, a morte, o medo, a angústia, entre outros. Os contos de fadas são um refúgio para que a criança se alivie das dificuldades que ela não sabe nomear, envolvendo assim, realidade e fantasia, no clima do “Era um vez”, deixando que aconteça um “Felizes para sempre”.

Portanto concluímos que os contos de fadas implicam positivamente no desenvolvimento do imaginário das crianças, porque auxiliam as crianças a encontrar a solução dos conflitos vividos por elas ao longo de suas vidas, colaborando para que encontrem o caminho para a realização pessoal e social.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CHAUI, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil**. São Paulo: Moderna, 2010.
- _____. **O Conto de Fadas**: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.
- DAVIS, C; OLIVEIRA, Z. de. **Psicologia na Educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- ELIAS, V. M; KOCH, I. V. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- GREGORIN FILHO, J. N. **Literatura infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- HELD, J. **O imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus, 1980.
- JERSILD, A. T. **Psicologia da criança**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1971.
- MACHADO, A. M. **Como e Por Que Ler os Clássicos Universais desde Cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- _____. **Contos de Fadas**: Perrault, Grimm, Andersen e outros. São Paulo: Zahar, 2010.
- MENÉRES, M. A. **Sonhar o Passado**: a importância dos contos de fadas. Disponível em: <<http://tapetedesonhos.files.wordpress.com/2003/11/a-importancia-do-conto-de-fadas.pdf>>. Acesso em: 10 setembro 2012.
- PAVONI, Amarilis. **Os contos e os mitos no ensino**: uma abordagem Junguiana. São Paulo: EPU, 1989.
- PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- PREGNOLATO, M. **A importância dos Contos de Fadas na Formação da Personalidade**. Disponível em: <http://www.mariuzapregmolato.com.br/pdf/artigos/a_importancia_dos_contos_de_fadas_na_formacao_da_personalidade.pdf>. Acesso em: 23 outubro 2012.
- SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Ler e Escrever**: livro de textos do aluno. 3. ed. São Paulo: FDE, 2010.

SCHUVETER, M. H. Um projeto pedagógico a partir dos contos de Grimm. In: MICOTTI, M. C. O. (Org). **Leitura e escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia dos projetos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SMITH, F. **Compreendendo a literatura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Tradução de Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SILVA, T. M. V. **Literatura Infantil Brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2. ed. Goiânia: Cênone Editorial, 2009.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 8. ed. São Paulo: Global, 1981.

Há muito tempo, aconteceu que a esposa de um rico comerciante adoeceu gravemente e, sentindo seu fim se aproximar, chamou sua única filha e disse:

- Querida filha, continue piedosa e boa menina que Deus a protegerá sempre. Lá do céu olharei por você, e estarei sempre a seu lado. – Mal acabou de dizer isso, fechou os olhos e morreu.

A jovem ia todos os dias visitar o túmulo da mãe, sempre chorando muito.

Veio o inverno, e a neve cobriu o túmulo com seu alvo manto. Chegou a primavera, e o sol derreteu a neve. Foi então que seu pai resolveu casar outra vez.

A nova esposa trouxe suas duas filhas, ambas louras e bonitas – mas só exteriormente. As duas tinham alma feia e cruel.

A partir desse momento, dias difíceis começaram para a pobre enteada.

- Essa imbecil não vai ficar no quarto conosco! – reclamaram as moças. – O lugar dela é na cozinha! Se quiser comer pão, que trabalhe!

Tiraram-lhe o vestido bonito que ela usava obrigaram-na vestir outro, velho e desbotado, e a calçar tamancos.

- Vejam só como está toda enfeitada a orgulhosa princesinha de antes! – disseram a rir, levando-a para a cozinha.

A partir de então, ela foi obrigada a trabalhar, da manhã à noite, nos serviços mais pesados. Era obrigada a se levantar de madrugada, para ir buscar água e acender o fogo. Só ela cozinhava e lavava para todos.

Como se tudo isso não bastasse, as irmãs caçoavam dela e a humilhavam. Espalhavam lentilhas e feijões nas cinzas do fogão e obrigavam-na a catar um a um.

À noite, exausta de tanto trabalhar, a jovem não tinha onde dormir e era obrigada a se deitar nas cinzas do fogão. E, como andasse sempre suja e cheia de cinza, só a chamavam de Cinderela.

Uma vez, o pai resolveu ir a uma feira. Antes de sair, perguntou às enteadas o que desejavam que ele trouxesse.

- Vestidos bonitos – disse uma.

- Pérolas e pedras preciosas – disse a outra.

- E você, Cinderela, o que vai querer? – perguntou o pai.

- No caminho de volta pai, quebre o primeiro ramo que bater no seu chapéu e traga-o para mim.

Ele partiu para a feira, comprou vestidos bonitos para uma das enteadas, pérolas e pedras preciosas para a outra e, de volta para casa, quando cavalgava por um bosque, um ramo de aveleira bateu no seu chapéu. Ele quebrou o ramo e levou-o. Chegando em casa, deu às enteadas o que haviam pedido e à Cinderela o ramo de aveleira.

Ela agradeceu, levou o ramo para o túmulo da mãe, plantou-o ali, e chorou tanto que suas lágrimas regaram o ramo. Ele cresceu e se tornou uma aveleira linda. Três vezes, todos os dias, a menina ia chorar e rezar embaixo dela.

Sempre que a via chegar, um passarinho branco voava para a árvore e, se a ouvia pedir baixinho alguma coisa, jogava-lhe o que ela havia pedido.

Um dia, o rei mandou anunciar uma festa, que duraria três dias. Todas as jovens bonitas do reino seriam convidadas, pois o filho dele queria escolher entre elas aquela que seria sua esposa.

Quando souberam que também deveriam comparecer, as duas filhas da madrasta ficaram contentíssimas.

- Cinderela! – gritaram. – Venha pentear nosso cabelo, escovar nossos sapatos e nos ajudar a vestir, pois vamos a uma festa no castelo do rei!

Cinderela obedeceu chorando, porque, ela também queria ir ao baile. Perguntou à madrasta se poderia ir, e esta respondeu:

- Você, Cinderela! Suja e cheia de pó, está querendo ir à festa? Como vai dançar, se não tem roupa nem sapatos?

Mas Cinderela insistiu tanto que, afinal, ela disse:

- Está bem. Eu despejei nas cinzas do fogão um tacho cheio de lentilhas. Se você conseguir catá-las todas em duas horas, poderá ir.

A jovem saiu pela porta dos fundos, correu para o quintal e chamou:

- Mansas pombinhas e rolinhas!

Passarinhos do céu inteiro!

Venham me ajudar a catar lentilhas!

As boas vão para o tacho!

As ruins para o papo!

Logo entraram pela janela da cozinha duas pombas brancas; a seguir, vieram as rolinhas e, por último, todos os passarinhos do céu chegaram numa revoada e pousaram nas cinzas. As pombas abaixavam a cabecinha e – pic, pic, pic – apanhavam os grãos bons e deixavam cair no tacho. As outras avezinhas faziam o mesmo. Não levou nem uma hora, o tacho ficou cheio e as aves todas voaram para fora.

Cheia de alegria, a menina pegou o tacho e levou para a madrasta, certa de que agora poderia ir à festa. Porém a madrasta disse:

- Não, Cinderela. Você não tem roupa e não sabe dançar. Só serviria de caçoada para os outros.

Como a menina começasse a chorar, ela propôs:

- Se você conseguir catar dois tachos de lentilhas nas cinzas em uma hora, poderá ir conosco.

Enquanto isso, pensou consigo mesma: “Isso ela não vai conseguir...”.

Assim que a madrasta acabou de espalhar os grãos nas cinzas, Cinderela correu para o quintal e chamou:

- Mansas pombinhas e rolinhas!

Passarinhos do céu inteiro!

Venham me ajudar a catar lentilhas!

As boas vão para o tacho!

As ruins para o papo!

E entraram pela janela da cozinha duas pombas brancas; a seguir, vieram as rolinhas e, por último, todos os passarinhos do céu chegaram numa revoada e pousaram nas cinzas.

As pombas abaixavam a cabecinha e – pic, pic, pic – apanhavam os grãos bons e deixavam cair no tacho. Os outros pássaros faziam o mesmo. Não passou nem meia hora e os dois tachos ficaram cheios. As aves se foram voando pela janela.

Então, a menina levou os dois tachos para a madrasta, certa de que, desta vez, poderia ir à festa.

Porém, a madrasta disse:

- Não adianta, Cinderela! Você não vai ao baile! Não tem vestido, não sabe dançar e só nos faria passar vergonha!

E, dando-lhe as costas, partiu com suas orgulhosas filhas.

Quando ficou sozinha, Cinderela foi ao túmulo da mãe e embaixo da aveleira, disse:

- Balance e se agite,

árvore adorada,

cubra-me toda

de ouro e prata!

Então o pássaro branco jogou para ela um vestido de ouro e prata e sapatos de seda bordada de prata. Cinderela se vestiu toda a pressa e foi para a festa.

Estava tão linda, no seu vestido dourado, que nem as irmãs, nem a madrasta a reconheceram. Pensavam que fosse uma princesa estrangeira – para elas, Cinderela só poderia estar em casa, catando lentilhas nas cinzas.

Logo que a viu, o príncipe veio a seu encontro e, pegando-lhe a mão, levou-a para dançar. Só dançou com ela, sem largar de sua mão por um instante.

Quando alguém a convidava para dançar, ele dizia:

- Ela é minha dama.

Dançaram até altas horas da noite e, afinal, Cinderela quis voltar para casa.

- Eu a acompanho – disse o príncipe. Na verdade, ele queria saber a que família ela pertencia.

Mas Cinderela conseguiu escapar dele, correu para casa e se escondeu no pombal. O príncipe esperou o pai dela chegar e contou-lhe que a jovem desconhecida tinha saltado para dentro do pombal.

“Deve ser Cinderela...”, pensou o pai. E mandou vir um machado para arrombar a porta do pombal. Mas não havia ninguém lá dentro.

Quando chegaram em casa, encontraram Cinderela com suas roupas sujas, dormindo nas cinzas, à luz mortiça de uma lamparina.

A verdade é que, assim que entrou no pombal, a menina saiu pelo lado de trás e correu para a aveleira. Ali, rapidamente tirou seu belo vestido e deixou-o sobre o túmulo. Veio o passarinho, apanhou o vestido e levou-o. Ela vestiu novamente seus vestidinho velho e sujo, correu para casa e se deitou nas cinzas da cozinha.

No dia seguinte, o segundo dia da festa, quando os pais e as irmãs partiram para o castelo, Cinderela foi até a aveleira e disse:

-Balance e se agite,

árvore adorada,

cubra-me toda

de ouro e prata!

E o pássaro atirou para ela um vestido ainda mais bonito que o da véspera. Quando ela entrou no salão assim vestida, todos ficaram pasmados com sua beleza.

O príncipe, que a esperava, tomou-lhe a mão e só dançou com ela. Quando alguém convidava a jovem para dançar, ele dizia:

- Ela é minha dama.

Já era noite avançada quando Cinderela quis ir embora. O príncipe seguiu-a, para ver em que casa entraria.

A jovem seguiu seu caminho e, inesperadamente, entrou no quintal atrás da casa. Ágil como um esquilo, subiu pela galharia de uma frondosa pereira carregada de frutos que havia ali. O príncipe não conseguiu descobri-la e, quando viu o pai dela chegar disse:

- A moça desconhecida escondeu-se nessa pereira.

“Deve ser Cinderela”, pensou o pai. Mandou buscar um machado e derrubou a pereira. Mas não encontraram ninguém na galharia.

Como na véspera, Cinderela já estava na cozinha dormindo nas cinzas, pois havia escorregado pelo outro lado da pereira, correr para a aveleira e devolvera o lindo vestido ao pássaro. Depois, vestiu o feio vestidinho de sempre e correu para a casa.

No terceiro dia, assim que os pais e as irmãs saíram para a festa, Cinderela foi até o túmulo da mãe e pediu para à aveleira:

- *Balance e se agite,*

árvore adorada,

cubra-me toda

de ouro prata!

E o pássaro atirou-lhe o vestido mais suntuoso e brilhante jamais visto, acompanhado de um par de sapatinhos de puro ouro.

Ela estava tão linda, tão linda que, quando chegou ao castelo, todos emudeceram de assombro. O príncipe só dançou com ela e, como das outras vezes, dizia a todos que vinham tirá-la para dançar:

- Ela é minha dama.

Já era noite alta quando Cinderela quis voltar para casa. O príncipe tentou segui-la, mas ela escapuliu tão depressa que ele não pode alcançá-la.

Dessa vez, porém, o príncipe usara um stratagema: untou com piche um degrau da escada e, quando a moça passou, o sapato do pé esquerdo ficou grudado. Ela deixou-o ali e continuou correndo.

O príncipe pegou o sapatinho: era pequenino, gracioso e todo de ouro. No outro dia, de manhã, ele procurou seu pai e disse:

- Só me casarei com a dona do pé que couber neste sapato.

As irmãs de Cinderela ficaram felizes e esperançosas quando souberam disso, pois tinham pés delicados e bonitos.

Quando o príncipe chegou à casa delas, a mais velha foi para o quarto acompanhada da mãe e experimentou o sapato. Mas, por mais que se esforçasse, não conseguia meter dentro dele o dedo grande do pé. Então, a mãe deu-lhe uma faca, dizendo:

- Corte fora o dedo. Quando você for rainha, vai andar muito pouco a pé.

Assim fez a moça. O pé entrou no sapato e, disfarçando a dor, ela foi ao encontro do príncipe. Ele recebeu-a como sua noiva e levou-a na garupa do seu cavalo.

Quando passava pelo túmulo da mãe de Cinderela, que ficava bem no caminho, duas pombas pousaram na aveleira e cantaram:

- Olhe para trás! Olhe para trás!

Há sangue no sapato,

que é pequeno demais!

Não é a noiva certa

que vai sentada atrás!

O príncipe virou-se, olhou o pé da moça e logo viu o sangue escorrendo do sapato. Fez o cavalo voltar e levou-a para a casa dela.

Chegando lá, ordenou à outra filha da madrasta que calçasse o sapato. Ela foi para o quarto e calçou-o. Os dedos do pé entraram facilmente, mas o calcanhar era grande demais e ficou de fora. Então, a mãe deu-lhe uma faca dizendo:

- Corte fora o pedaço do calcanhar. Quando você for rainha, vai andar muito pouco a pé.

Assim fez a moça. O pé entrou no sapato e, disfarçando a dor, ela foi ao encontro do príncipe. Ele aceitou-a como sua noiva e levou-a na garupa do seu cavalo.

Quando passavam pela aveleira, duas pombas pousaram num dos ramos e cantaram:

- Olhe para trás! Olhe para trás!

Há sangue no sapato,

que é pequeno demais!

Não é a noiva certa

que vai sentada atrás!

O príncipe olhou o pé da moça, viu o sangue escorrendo e a meia branca vermelha de sangue. Então virou seu cavalo, levou a falsa noiva de volta para casa e disse ao pai:

- Esta também não é a verdadeira noiva. Vocês não têm outra filha?

- Não – respondeu o pai – a não ser a pequena Cinderela, filha de minha falecida esposa. Mas é impossível que seja ela a noiva que procura.

O príncipe ordenou que fossem buscá-la.

- Oh, não! Ela está sempre muito suja! Seria uma afronta trazê-la a vossa presença! – protestou a madrasta.

Porém o príncipe insistiu, exigindo que ela fosse chamada. Depois de lavar o rosto e as mãos, ela veio, curvou-se diante do príncipe e pegou o sapato de ouro que ele lhe estendeu.

Sentou-se num banquinho, tirou do pé o pesado tamanco e calçou o sapato, que lhe serviu como uma luva. Quando ela se levantou, o príncipe viu seu rosto e reconheceu logo a linda jovem com quem havia dançado.

- É esta a noiva verdadeira! – exclamou, feliz.

A madrasta e as filhas levaram um susto e ficaram brancas de raiva. O príncipe ergueu Cinderela, colocou-a na garupa do seu cavalo e partiram. Quando passaram pela aveleira, as duas pombinhas brancas cantaram:

- Olhe para trás! Olhe para trás!

Não há sangue no sapato,

que serviu bem demais!

Essa é a noiva certa.

Pode ir em paz!

E, quando acabaram de cantar, elas voaram e foram pousar, uma no ombro direito de Cinderela, outra no esquerdo; ali ficaram.

Quando o casamento de Cinderela com o príncipe se realizou, as falsas irmãs foram à festa. A mais velha ficou à direita do altar, e a mais nova, à esquerda.

Subitamente, sem que ninguém pudesse impedir, a pomba pousada no ombro direito da noiva voou para cima da irmã mais velha e furou-lhe os olhos. A pomba do ombro esquerdo fez o mesmo com a mais nova, e ambas ficaram cegas para o resto da vida.